

Primeiro e último turno?

Franklin Martins

O comando da campanha de Fernando Henrique Cardoso já mandou pôr a campanha no gelo. Está convencido de que a eleição será decidida ainda no primeiro turno. A equipe de pesquisas contratada pelo PSDB vem constatando que há uma semana mantém-se inalterada a vantagem de Fernando Henrique sobre todos os outros candidatos reunidos. Na sua avaliação, se esse quadro não se modificar até o dia 20, a vitória estará assegurada. Não haverá mais tempo hábil para que o candidato **tucano** perca os seis pontos percentuais de dianteira sobre seu adversário somados que todas as sondagens estão lhe conferindo.

Se esse prognóstico vier a se confirmar, ou seja, se Fernando Henrique ultrapassar a barreira dos 50% dos votos, o País estará diante de um fenômeno eleitoral sem similar desde a vitória em 1945 de Eurico Dutra, que teve o apoio de 54% do eleitorado. Getúlio Vargas, em 1950, alcançou pouco menos de 49% e Juscelino Kubitschek, cinco anos depois, ficou em 36%, o que deu pretexto à UDN, derrotada nas urnas, para levantar a tese da necessidade da maioria absoluta, tentando impedir a posse de JK. Mesmo Jânio Quadros, que teve uma eleição consagrada e chegou ao poder fortíssimo, não passou de 48% dos votos. Collor ficou bem longe disso no primeiro turno — apenas 29%.

Portanto, se Fernando Henrique vencer em 3 de outubro, conquistando a maioria absoluta numa disputa contra nada menos de sete candidatos, será uma proeza que o fará subir a rampa do Palácio do Planalto com uma força política poucas vezes vista na história da República. Dificilmente o Congresso iria negar-lhe os instrumentos necessários para a implantação de seu programa de governo. Ao mesmo tempo, FHC teria ampla liberdade para a composição de seu ministério, pois negociaria com os partidos políticos que o apóiam a partir de uma posição de força.

Entre os assessores de Fernando Henrique a idéia é de que ele deverá aproveitar

esse momento excepcional para garantir o sucesso do processo de emendas à Constituição, uma tarefa que, em condições normais, é difícil — cada emenda deve ser aprovada por três quintos da Câmara e do Senado, em votações separadas e em dois turnos. Três grandes temas estão na mira do **tucano**: a reforma tributária, a reforma da Previdência Social e as mudanças na ordem econômica (especialmente a **f l e x i b i l i z a ç ã o** dos monopólios estatais no petróleo e nas telecomunicações).

Alguns dos colaboradores mais próximos de Fernando Henrique acreditam que, sendo vitorioso no primeiro turno, ele deveria pedir ao Congresso que votasse ainda este ano pelo menos as mudanças no capítulo tributário da Constituição, para que elas, obedecendo ao princípio da anualidade, possam entrar em vigor a 1º de janeiro de 1995. As propostas de reforma da Previdência e de alterações na ordem econômica poderiam ficar para o ano seguinte. De qualquer forma, não poderiam aguardar muito. O ideal seria tê-las aprovadas até o final do primeiro semestre de mandato do novo presidente, enquanto seu cacife político tende a estar praticamente intacto.

Por isso tudo, nas próximas duas semanas Fernando Henrique jogará tudo para decidir a eleição no primeiro turno. Sua propaganda passará a bater na tecla de que o melhor para o País é que se decida logo o rumo a tomar, evitando que a tensão eleitoral prolongue-se ainda mais. Para que arrastar por mais um mês e meio uma disputa que, dada a vantagem que Fernando Henrique mantém sobre Lula, não tem perspectivas de sofrer qualquer reviravolta? A partir dessa pergunta, a campanha de Fernando Henrique procurará trabalhar em cima do desejo de tranquilidade do eleitor. Lula, ao contrário, apelará para a prudência. Por que apressar uma decisão que não precisa ser tomada imediatamente, correndo o risco de se arrepender depois?

■ Franklin Martins, jornalista, substitui Márcio Moreira Alves durante suas férias